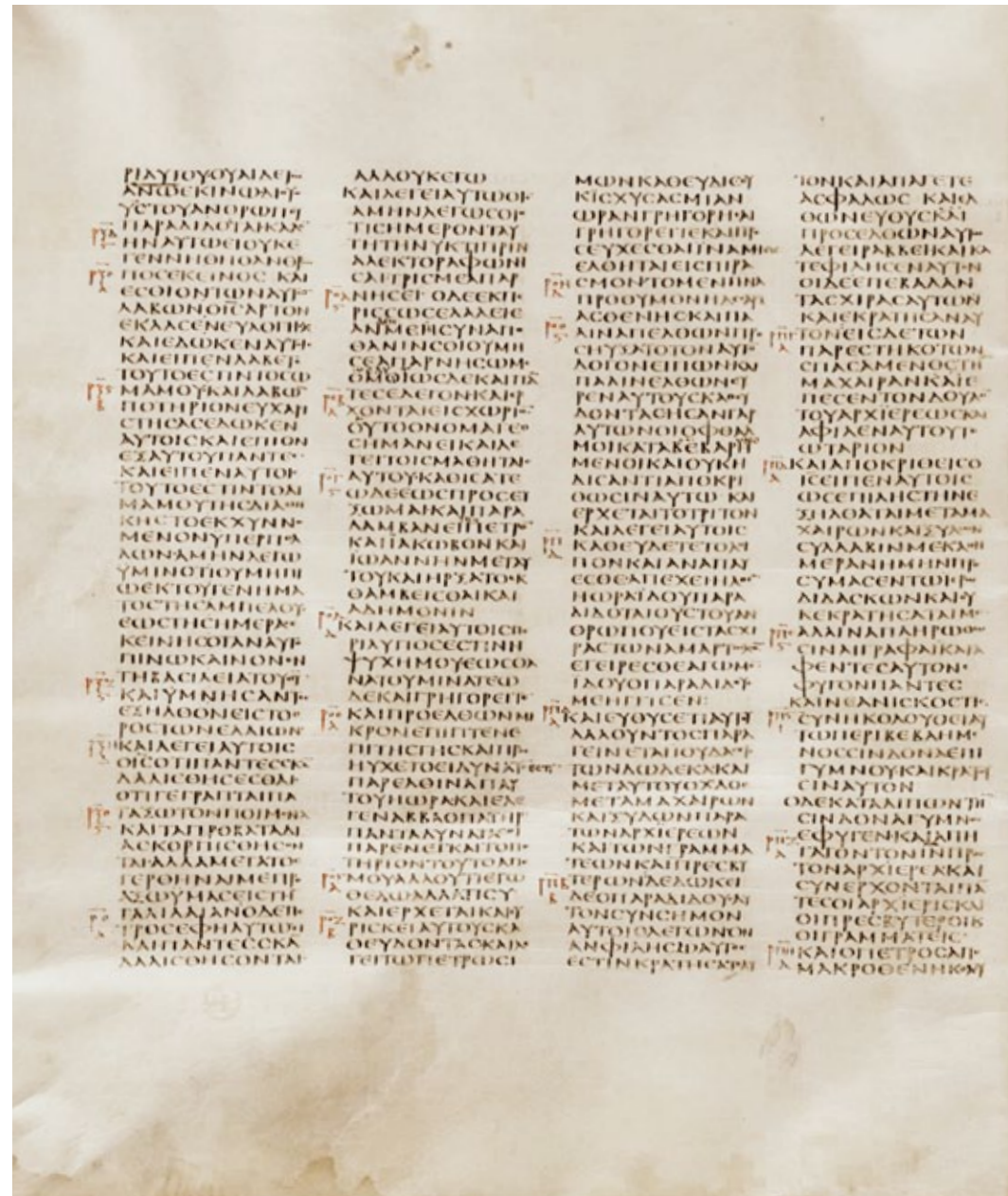


Meramente superficiais.

Porém, ao contrário do exemplo mostrado na página anterior, os primeiros manuscritos dos textos cristãos que sobreviveram até nossos dias – pequenos fragmentos, em sua maioria – não apresentavam nenhuma eloquência visual. Seu conteúdo era puramente textual, bem parecido com aquilo que hoje consideramos como um livro “normal”. Eram, o nome já diz, escritos à mão, um a um, por escribas. O *Codex Sinaiticus*, já citado no capítulo anterior, tem uma diagramação bastante neutra em seus 38 por 34,5 centímetros. Quatro colunas de texto, com uma pequena numeração à esquerda de cada “parágrafo” (“parágrafo” entre aspas mesmo, já que é possível notar na imagem ao lado como não se utilizavam a grande maioria dos recursos que hoje temos para facilitar o processo de leitura, como espaços entre palavras ou pontuação).



Trcho final do evangelho de Marcos no *Codex Sinaiticus*. Ásia Menor (?), século IV.

Mas, considerando que seu conteúdo — a “palavra de Deus” — via-se integralmente reproduzido em exemplares sóbrios como o *Codex Sinaiticus*, o que transformou os textos católicos em opulentos manuscritos medievais como o da página 43? A questão, como é de se imaginar, pode abarcar centenas de livros — e isto aqui é uma simples defesa contra acusações maldosas, não uma tese de doutorado. Além do que, não há uma única resposta ou evolução linear. Contudo, é possível sobrevoarmos as linhas gerais de alguns dos principais motores de tamanha mudança.

Os textos bíblicos — sejam utilizados em separado ou compilados — sempre foram o principal instrumento de propagação da mensagem cristã. O cristianismo, afinal, é a religião da “palavra escrita”. E, se considerarmos que sua difusão ocorreu através de intensa atividade missionária, não é difícil compreender o quão fundamental era que esses textos apresentassem a maior praticidade possível tanto em seu transporte entre um local e outro, quanto em seu manuseio durante os trabalhos de conversão.

À época do *Codex Sinaiticus*, tais demandas já haviam causado a grande transformação realizada pelo cristianismo no modo de produção dos livros: a substituição dos rolos de papiro pelo códice. Este último, nada mais é do que, em seu

princípio básico, o formato de livro que hoje conhecemos: folhas dobradas que separam o texto em páginas.

A esmagadora maioria dos textos da Antiguidade foi escrita em rolos de papiro. Sua leitura era contínua — em sentido horizontal, da esquerda para a direita. Contudo, ele não era o formato mais prático para ser transportado numa atividade missionária. Nem para facilitar a localização de alguma passagem específica no meio de um texto — algo tão necessário num livro que tem três evangelhos sinóticos, por exemplo. Tarefas que o códice — que não foi inventado pelos cristãos, já que a primeira descrição que temos foi feita pelo poeta romano Marcial, no século I d.C. — desempenhava com grande superioridade.

Códices, assim como os rolos, podiam ser feitos de papiro, uma planta muito abundante nas margens do Nilo, utilizada desde aproximadamente 3000 a.C. O material, no entanto, não apresentava um desempenho muito bom quando aplicado ao “novo” formato. Por isso, outro substrato já conhecido por séculos, mas utilizado em quantidade muito inferior, tornou-se dominante na produção de códices: o pergaminho.

O pergaminho — obtido a partir da pele de animais como cabras ou ovelhas —, ao contrário do papiro, permitia a utilização de ambos os lados

(ainda que o lado chamado de “lado da carne” fosse mais claro e suave do que o outro, o “lado dos pelos”), além da reutilização do substrato e uma melhor resistência ao manuseio constante das páginas. Foi o material predominante na produção de livros ocidentais até o século XVI, quando viu-se substituído pelo papel, que já era produzido na China centenas de anos antes.

Como todo assunto do qual não sobreviveram evidências inquestionáveis, o argumento de que tais demandas utilitárias cristãs foram a grande responsável pela passagem do rolo de papiro para o códice de pergaminho suscita inúmeras disputas — existem aqueles que, por exemplo, consideram a adoção do códice como um ato simbólico de afirmação da identidade cristã sem qualquer motivação funcional, enquanto outros justificam o fim do uso do papiro como consequência de conjunturas econômicas. Porém, é consenso que essa mudança tão importante foi causada pelos textos bíblicos. E, não por coincidência, o século que marca a consolidação do códice de pergaminho sobre o rolo de papiro, o século IV, é o mesmo que marca a adoção do cristianismo como religião oficial do Império Romano.

Porém, à altura da fixação do cânone — e, por consequência, do surgimento do volume único da Bíblia —, essa transição já havia ocorrido. E mis-

sionários cristãos percorriam, carregando seus códices (não apenas a Bíblia completa, pois textos “avulsos” eram bastante comuns até por volta do século XV), os mais longínquos recônditos do planeta: Europa, norte da África e Oriente Médio. Agostinho de Cantuária, por exemplo, foi enviado para as distantes ilhas britânicas pelo papa Gregório I em 595 d.C., com o objetivo de converter os anglo-saxões. Chegando lá, leu os textos sagrados. E, num mundo de iletrados, mostrou imagens. Pois logo os missionários haviam percebido o enorme poder de sedução das imagens. Nas palavras do próprio Gregório I, em trecho de carta enviada ao bispo Serenus de Marselha, “O que um texto oferece para aquele que lê, uma imagem oferece ao ignorante”. O pontificado de Gregório, inclusive, é um marco da inserção de narrativas visuais na Bíblia.

Para muitos, foi esse o principal motivo para que a Bíblia passasse a acrescentar conteúdo ilustrativo aos textos: a necessidade de ampliar o alcance e a eficiência de sua mensagem. As ilustrações soltas — ou seja, que não eram vinculadas a outros elementos gráficos da página, como molduras — eram chamadas de “miniaturas”, termo derivado do latim *miniare*, que significa “pintar de vermelho”, já que os primeiros adornos eram executados em vermelho. Quando algumas dessas ilustrações passaram a ter pintura em ouro ou prata, surgiu o termo *iluminura*, pois



dizia-se que a tinta metalizada iluminava a página. Desde então, além da “religião da palavra escrita”, o catolicismo foi também aquela que provavelmente mais se apoiou sobre o poder da iconografia.

No entanto, apesar das nobres justificativas do papa Gregório, o início do enriquecimento visual da Bíblia não pode ser reduzido a uma espécie de “ajuda aos analfabetos”. Imagens, como as inúmeras representações de Mateus, Marcos, Lucas e João no princípio de seus respectivos evangelhos, também auxiliavam a estabelecer a autoridade dos textos, tema importantíssimo já abordado no capítulo anterior. Ou a transformar, através de uma “atualização” iconográfica, o Velho Testamento judeu numa introdução lógica ao Novo Testamento cristão.

Marcos representado no início de seu evangelho nos *Evangelhos de Freising*. Alemanha, 860-880.

